

“O DESENGANO”: ARTES DE CURAR EM SERGIPE NO SÉCULO XIX.

por Amâncio Cardoso**

Este artigo visa analisar um romance, ambientado em Sergipe do século XIX. Na análise do livro será privilegiada um dos eixos temáticos, qual seja a relação médico/curandeiro abordada no volume.

Trata-se de “*O desengano*” romance de Constantino José Gomes de Souza publicado em 1871 no Rio de Janeiro.¹

Constantino José Gomes de Souza nasceu em 1825 na província de Sergipe. Filho da cidade de Estância, inicia o curso de medicina na Bahia, vindo a concluir-no no Rio de Janeiro. Termina a faculdade na Corte em 1851. Somente dois anos depois, 1853, defende a tese que lhe confere o grau de doutor. A demora da titulação deveu-se à falta de recursos.

Em 1855, o dr. Gomes de Souza é designado para o seu torrão natal onde a epidemia de cólera irrompeu nos últimos meses do ano. Por comissão do governo imperial, permaneceu na pequena província até 1857. Nela, tratou dos coléricos da vila de Santa Luzia e ficou encarregado pela quarentena do porto da cidade de Estância. Foi um dos médicos que prestou serviço em Sergipe durante os aterradores e dolorosos “tempos do cólera”

Doutor Gomes de Souza foi romancista, dramaturgo e poeta. Como ficcionista, escreveu: em livro – *O desengano* (1871) e *A filha sem mãe* (v. I, 1873 e v. II, 1877); em folhetins de revistas cariocas - *O grumete* (1873-74), *Arycurana* (1875-76) e *O cego* (1877-78). Na dramaturgia foi autor de quase uma dezena de peças, das quais cinco foram impressas e quase todas representadas pelo famoso ator João Caetano, no Rio de Janeiro. Como poeta publicou dois livros: *Prelúdios Poéticos* (1848) e *Os Hymnos da Minh'alma* (1851).

Clinicou na Capital do Império e nas cidades de Macacu, Parahyba do Sul, Valença e Vassouras na província do Rio de Janeiro. Sofreu, nos últimos anos de sua vida, várias dificuldades por conta da “sedução do jogo” que o reduziu à extrema pobreza, apesar dos proventos extraídos da medicina, da colaboração para a imprensa e das obras que publicou. Veio a falecer na Corte em 1877.²

O romancista sergipano teve uma existência atormentada. Viveu as implicações de ser um escritor apaixonado e um médico ilustrado. No

amor, teve experiências “amargas”. Razão e paixão enrodilharam-se em seu espírito. As virtudes da assistência ao próximo, ataram-se os vícios pelo jogo e as acres dores do amor. Sobre sua compleição, aparência e estilo de vida, um biógrafo anota: “*homem robusto e alto, inteiramente descuidado de si proprio, o typo acabado do bohemio convencido*”.

Abandonado em seu recanto, faleceu na miséria da solidão. Continua o seu biógrafo, morreu em “*absoluta penuria, sem ter à residencia nem ao menos com que se lhe fizesse o enterro*”.³ Contudo, isto é certo, Gomes de Souza se embebeu de grandes paixões em sua vida. Sejam tristes, tais as mulheres e o jogo; ou as alegres como a medicina e a literatura. Algumas, certamente, o levaram à extrema pobreza material, no entanto outras lhe deixaram considerável patrimônio espiritual.

“*O Desengano*”, o romance que apreciaremos, é ambientado em Estância do século XIX, então uma pequena vila banhada pelos rios *Piauhy* e *Piauhytinga*.

A trama do *Desengano* assim se constitui: o jovem Matheus, belo, rico e libertino, é um dos personagens centrais. É ele, principalmente, quem dá sentido à urdidura da obra. O pai de Matheus, um velho português, negociante usurário da região, ocupado em multiplicar seu capital, deixava o filho à rédea solta, entregue a todo gênero de desregramento. Sobre o jovem Matheus nos conta o narrador: “A sua mais séria ocupação consistia em beber, fumar, jogar, seduzir as incautas donzelas e desencaminhar as pobres mulheres casadas”, por outro lado ele revelava feitos de filantropia e caridade. Numa de suas investidas, Matheus tenta por todos os meios, inclusive à força, conquistar D. Izabel, uma bela e pobre senhora, esposa do carpinteiro Joaquim Rodrigues, cuja filha, Adelaide, ainda era uma criança.

Matheus contrata um comparsa para vingar a rejeição de D. Izabel às suas insistentes investidas. Eles executam um assalto a sua casa para “desonrá-la”. Ao chegar em casa, seu esposo Joaquim Rodrigues, entra em luta com o amigo do libertino, sendo assassinado por este. Matheus, por outro lado, também mata seu companheiro de crime. Dona Izabel, contudo, fica com a impressão de que o “devasso” fora o autor da morte de seu marido, ao invés do comparsa, uma vez que ela se encontrava em sua alcova durante o ocorrido. Após o fato, Matheus foge para a Europa.

Na Europa, depois de quatorze anos, ele se forma em medicina, jurisprudência e arte. De lá, volta mudado em relação ao seu comporta-

mento da juventude. “Amadurecera”. Ao retornar para Estância, em 1849, apaixona-se por Adelaide, já uma adolescente, e por ela é correspondido, pois desconhecia o envolvimento do jovem médico com a morte de seu pai. Sua mãe, D. Izabel, tenta por todos os meios fazer com que a menina esqueça o rapaz. Com tal propósito, entrega Adelaide para ser criada e educada sob os cuidados dos padrinhos, dr. Maurício e esposa.

Pouco tempo depois, D. Izabel vem a falecer após declarar para Adelaide que esta se apaixonara pelo assassino de seu próprio pai. A jovem amarga um momento de tormento e solidão, porque não deixara de gostar de Matheus, mesmo seguindo o conselho da mãe para não se envolver com ele. Este, sem testemunha, não consegue provar sua inocência quanto a morte de Joaquim Rodrigues. Desenganado, sem poder realizar seu desejo de casamento com a adolescente, inicia um período de auto-exílio e não revela seu paradeiro. Desta forma, passa a viver por oito anos como um eremita nas matas próximas de Estância, após distribuir seus bens com os pobres e com seu fiel serviçal, Agostinho, além de deixar certo patrimônio para Adelaide.

Anos mais tarde, em 1855, a comarca da Estância é assolada pelo “flagelo do Ganges”. “Estavamos na epocha [lamenta o narrador] sombria e calamitosa em que esse terrivel viajante, (...) percorre o mundo inteiro”.⁴ A esposa de dr. Maurício é sua primeira vítima fatal. Ele falece meses depois, abatido pelo passamento da companheira. Assim, após a morte dos pais, Adelaide perde a madrinha para a doença reinante, e por conseguinte o padrinho, seu preceptor. Por conta desta situação, a donzela adoece gravemente. Desfalece, sendo desenganada por um certo jovem doutor Justino e mais dois colegas com quem conferenciara. A recuperação de Adelaide não é devida a este jovem médico, vindo da Bahia comissionado pelo governo imperial para cuidar das vítimas do cólera em Estância, mas antes a um certo eremita: “Era um homem alto, muito magro, de olhos grandes e vivissimos, physonomia attractiva e falla insinuante, apezar de ter a barba e os cabellos nimicamente crescidos e brancos como lã de algodão. Trajava uma vestimenta de pelles”.⁵

Ele pediu anonimato ao doutor e se dispôs a ajudar na cura da vítima, aplicando-lhe uma beberagem de “hervas do matto”. Os componentes da fórmula curativa não foram reconhecidos pelo dr. Justino; uma espécie de remédio secreto. A “pobre orphā” recobra a saúde com o milagroso lenitivo.

Doutor Justino, consultando a convalescente Adelaide, descobre que é filho bastardo do então doutor Matheus Soares, fruto de suas peripécias juvenis. Este, amadurecido, reaparece, anonimamente, como curandeiro das vítimas de baixo estrato social acometidas pelo cólera-morbo. Com isto, o povo lhe dá a alcunha de “curandeiro da pobreza”. Numa de suas assistências, este “curandeiro” se encontra furtivamente com Adelaide, a qual ocupa seu tempo servindo de enfermeira aos humildes naquela quadra pestilenta. Ela então desconfia da identidade daquele “ancião” metido em “pelles de animaes”.

A moléstia declinava. Finda a epidemia, a donzela resolve morar na fazenda próxima às matas. O “curandeiro da pobreza” ia às escondidas observá-la sem ser notado. Certo dia, foi ferido pelo punhal de um raptor que tentava desonrar a órfã. Ele retorna para a floresta ferido de morte. Adelaide, ajudada pelo “crioulo” forro Agostinho, vai ao encontro do misantropo para lhe prestar assistência. Porém, era tarde. Matheus já havia sucumbido. Fora enterrado na sua choupana. Meses depois, Adelaide falece e ali também fora sepultada por Agostinho ao lado de seu amado; lugar que não ocupara em vida.

Por fim, tem-se na trama um fio condutor explícito. Toda ela é montada para realizar o trajeto do protagonista Matheus Soares: desde sua devassa juventude, rico e libertino; passando pelo amadurecimento, com seus estudos na Europa; continuando com sua aventura de isolamento nas matas da Estância, devida ao desengano amoroso, tomando contato com ervas e raízes; até a sua morte solitária ao modo de um herói romântico.

“O Desengano”, tem veios de uma obra romântica. Seu espírito se enquadra na estética deste movimento criado na Europa no final do século XVIII. No Brasil, esta tendência foi assimilada às peculiaridades locais em meados do século seguinte. Embora tenha um caráter complexo, próprio do período contemporâneo que inaugura, é possível vislumbrar nesta corrente alguns traços singulares identificados também no romance de dr. Constantino Gomes de Souza.

Arrolemos, portanto, algumas características do romantismo também contidas na obra do escritor estanciano, para se entender como o movimento literário marca o romance representado pelo protagonista, o médico/curandeiro Matheus Soares.

De início, temos no romantismo a marca do individualismo, no qual o homem se afasta da sociedade, de onde brota o senso de isolamento e

uma tendência para os rasgos pessoais, o ímpeto e o desespero. Estes arroubos vincam o principal momento do romance numa guinada da trama: de devasso, Matheus se transforma, desenganado no amor, num morigerado ermitão.

Quanto à Natureza, ela era encarada pela estética romântica como imprecisa; fonte de mistério. Realidade contra a qual vai de encontro a limitação do homem. Ele a procura, então, em seus aspectos mais desordenados que, negando a ordem aparente, permitem uma visão profunda; mostra-a como algo convulso tanto no plano físico como no psíquico. Por conta disto, opondo-se ao racionalismo clássico, há a preponderância do sentimento sobre a razão. Desprezo à razão e à ciência para alcançar as potências obscuras do ser, aliado à sensação de inadaptação da vida a seus fins.

Decorre daí a associação do sentimento amoroso à idéia da morte. Amar é padecer; sofrer. Segundo o crítico literário Antônio Cândido, esta atitude denota uma sensibilidade perpassada por um “*filete de tonalidade sádica e masoquista*”. Junte-se a isto um laivo de pessimismo e inconformismo, espécie de revolta contra os valores sociais.

O ferrete do contraste imprime na alma romântica a vocação para o desmedido e o contraditório, fundidos por aspectos aparentemente inconciliáveis do comportamento, desejo de desacordo com as normas e a rotina. O romântico é sensível à condição social dos outros homens e tem disposição para intervir a seu favor. Este humanitarismo, esta solidariedade são contrapontos do individualismo e do desejo de solidão. Como também o pessimismo é entrecortado pela utopia social e pela crença em determinado tipo de progresso inscrito no conturbado espírito romântico. Assim sendo, “*o crime, o vício, os desvios sexuais e morais (...), tratados dramaticamente como expressão próprias do homem, tanto quanto a virtude, a temperança, e a normalidade*”, aumentam a complexidade deste movimento estético.⁶ Introvertidos, os românticos manifestavam as incongruências próprias dos embates sentimentais. Nem sempre coerentes, derivavam para “*atitudes paradoxais, anárquicas, oscilantes*”.⁷ Tais atributos são encontrados no romance do dr. Gomes de Souza, e especialmente na personalidade do controverso e desenganado dr. Matheus.

Este personagem debate-se entre dois universos antinônicos. Por um lado, o médico no século XIX era associado, conforme o discurso

oficial, à temperança, à normalidade, ao equilíbrio, enfim à moral vigente. Por outro, o curandeiro, sob a mesma perspectiva, ligava-se aos desvios, aos vícios, às paixões, aos excessos, por conseguinte à desordem.⁸

Outros contrastes se operam: quando jovem Matheus era devasso, libertino, dado aos “vícios”; feito adulto era sóbrio, benévolos e racional. Salta, neste lapso, do vício à virtude. E ainda, impetuoso e desmedido, quando abandona-se nas matas; cauteloso, misterioso e caridoso quando pratica as artes de curar. Assoma-se em seu âmago, no entanto, uma conciliação paradoxal constitutiva, como vimos, da alma romântica.

Dois aspectos da estética desta tendência merecem ser lembrados ainda para o nosso propósito: a evasão no tempo e no espaço. A evasão no espaço se manifesta tanto pela comunhão com a natureza, de cujas respostas sua sensibilidade reclama, quanto pelo mergulho no seu imo místico e infinito, como se quisesse restaurar estados d’alma adormecidos no subconsciente. Numa palavra, o espectro romântico busca lugares que convidam à evocação melancólica e descobre-se, então, o encanto das vetustas sociedades ameríndias. Busca-se recuperar “o pitoresco, a cor local, o primitivo, ‘o bom selvagem’”. O ermo da floresta, onde nosso herói se exila, tem um ambiente que propicia este aspecto da alma romântica, imerso na solidão, na simplicidade e nos mistérios dos saberes tradicionais sobre as “ervas milagrosas”.

Quanto à evasão no tempo, ela é vivida pela sensibilidade romântica numa dimensão psicológica. Sua imaginação descortina tudo que estava perdido ou malbaratado, como as qualidades de ingenuidade, pureza, inocência, misticismo, espiritualismo e nobreza, as quais pareciam estar adormecidas nas ruínas de um “medievo do inconsciente”.⁹

Estas virtudes se concentram no doutor e curandeiro Matheus. Tal um herói medieval, ele se aventura a enfrentar as feras da floresta; com gesto nobre, salva as vítimas do cólera; num tom místico, usa uma erva secreta; ingenuamente, auxilia o dr. Justino, dando-lhe os créditos da cura; com pureza e inocência, ama a sua donzela; espiritualista, acredita pagar as suas penas com o sofrimento de um amor desenganado. Eis aqui cinzelado o nosso sofrido herói romântico.

Constantino Gomes de Souza põe em confronto visões de mundo em voga no século XIX. A razão médica, representando a “civilização”; e a experiência popular, a “barbárie”. A primeira alimenta-se do descrédito da segunda como meio de legitimar-se.

Este personagem, a um só tempo médico formado na Europa e “curandeiro” das matas sergipenses, incorpora uma árdua ambivalência e ambigüidade. Árdua porque um cientista da segunda metade do XIX, formado em faculdades, não poderia vacilar entre um conhecimento “racional e sistemático” e outro “vulgar e empírico”, correndo o risco de perder sua titulação e licença para curar com a pecha de charlatanismo.

A ambivalência presente na personagem, ao comportar valores opositos, suscita uma ambigüidade na medida em que ele encarna, em concomitância e sem exclusão, um esculápio ilustrado que, conforme os padrões vigentes, não daria razão às crenças sobrenaturais e aos remédios do povo em se tratando de saúde; e um curandeiro que em contato devoto com as forças da natureza não submeteria exclusivamente à razão científica os saberes tradicionais.

No romance o “curandeiro” cede, em seu espírito atribulado, aos preceitos e preconceitos médicos e acadêmicos com relação à divulgação de sua arte. Ele não quer ser associado, ao menos publicamente, à superstição, à feitiçaria; em resumo, à barbárie.

Imiscuído numa relação ambígua e ambivalente, a personagem também encarna uma representação das classes e seu antagonismo (médico/curandeiro). Matheus manifesta a apropriação do saber do reprimido, ao tempo em que se alia ao espírito da repressão dos discursos da elite acadêmica. Temos, por síntese, um “bárbaro civilizado”.

No romance *O Desengano*, o “curandeiro” é posto em cena como “o bárbaro civilizado”, ao modo de um complexo herói romântico. Se por um lado, ainda que o apresente na figura de uma personagem descuidada com a aparência, morando “no seio das brenhas, em companhia das feras, alimentando-se, como o selvagem, de fructos e de caça, bebendo agua e lavando-se nas correntezas, dormindo sobre duro grabato”, vestindo-se em pelles de animaes; por outro, também é penitente leitor dos manuais de medicina, arte e jurisprudência que trouxera da Europa. Além de tudo, convencera o dr. Justino no auxílio do tratamento de Adelaide “pelo sentimento de humanidade que deve sempre existir no coração do verdadeiro medico”.¹⁰

Em síntese, Matheus simboliza a complexa concretização de saberes historicamente oponentes. No entanto, a relação médico/curandeiro na obra aparece sob duas significações. A primeira, diz respeito ao conflito social entre estes terapeutas, explicitado pelo diálogo de Matheus e o

doutor Justino. A segunda significação concerne à síntese interiorizada pelo protagonista. Nele, convivem sem exclusão o médico e o curandeiro. Esta relação, na personagem, excede às convenções do contexto histórico. Matheus se obstina em acabar com a vaidade e o orgulho acadêmicos, passando a utilizar ervas e raízes dos “caboclos” e, ao mesmo tempo, conserva as dutas leituras e atitudes de um esculápio que combate o charlatanismo.

Conclui-se desta maneira que a relação médico/curandeiro assume na obra do doutor Gomes de Souza duplo significado. De um lado, ela é conflituosa e paradoxal quando retratada nos diálogos de Matheus com o jovem médico. De outro, esta relação (médico/curandeiro) se realiza na esfera individual de forma ambivalente e complementar, pois ele a sintetiza com eficácia, mantendo atitudes de médico, mas levando uma vida com a faina de um curandeiro. Este personagem, de complicada sociabilidade, seja com os amigos e as amantes na juventude, ou com seus pares e a amada na maturidade, consubstancia idealmente, ao menos no aspecto da subjetividade, a racionalidade de um acadêmico e o empirismo de um curandeiro.

** Professor da Escola Técnica Federal de Sergipe/ETFSE e mestrando em História Social da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. E-mail: acneto@infonet.com.br

NOTAS

- ¹ SOUZA, Constantino José Gomes de. *O desengano*. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1871. 262 p.
- ² Notas biográficas recolhidas em: BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros Illustres – I. Sergipanos Illustres*. Rio de Janeiro: Typ. Gomes Pereira, 1913. p. 33-35. CARNEIRO, José de Magalhães. *Panorama Intelectual de Sergipe*. Aracaju: Imprensa Oficial, 1940. p. II-III; SACRAMENTO BLAKE. *Diccionario Bibliographico Brazileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1893. v 2, p. 138-139; GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionário bio-bibliographico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925. p. 56-57; ARAÚJO, Acrísio Torres. *Literatura sergipana*. Aracaju: s.n., 1972. p. 17-18; LIMA, Jackson da Silva. *História da Literatura Sergipana*. Aracaju: Fundesc, 1986. v. 2, p. 79-135; SAMPAIO, Prado. *A Litteratura Sergipana*. Maroim/SE: Imprensa Económica de Gouvêa & C.ª, 1908. p. 31-32.
- ³ BITTENCOURT, Liberato. *Brasileiros Illustres – I. Sergipanos Illustres*. Rio de Janeiro: Typ. Gomes Pereira, 1913.p. 33-35.

- ⁴ SOUZA, Constantino José Gomes de. *O desengano*. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1871. p. 166.
- ⁵ *Idem, ibidem*. p. 168.
- ⁶ Cf. CÂNDIDO, Antônio. “O Romantismo como posição do espírito e da sensibilidade”. *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959. v. 2, p. 22-33, citações p. 32.
- ⁷ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 4^a ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 461-465.
- ⁸ MACHADO, Roberto; et al. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. p. 196-197.
- ⁹ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 4^a ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 464-465.
- ¹⁰ SOUZA, Constantino José Gomes de. *O desengano*. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1871. p. 222 e 170 repectivamente.